



## As cidades médias e suas inserções nos espaços regionais: O contexto do sul de Minas

### Medium-sized cities and inserts in regional areas: The context of sul de Minas

Alexandre Carvalho de Andrade<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Campus Poços de Caldas, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas, andrade.a.c@uol.com.br, Av. Dirce Pereira Rosa, 300, Poços de Caldas, MG, 37713-100.

Recebido em 15 de dezembro, 2014/ Aceito em 11 de maio, 2015

#### RESUMO

Nas últimas décadas, as cidades médias brasileira vêm apresentando significativo crescimento demográfico e de diversificação produtiva, o que favorece a maior importância delas nas redes urbanas em que estão inseridas, e a consequente polarização sobre as localidades de suas hinterlândias. Entretanto, é fundamental se levar em conta que todo município se encontra inserido em distintas redes, sejam elas econômicas, culturais e socioespaciais, e, assim, as cidades se interagem com outros centros urbanos nacionais e globais com distintas intensidades e finalidades. Neste contexto, o Sul de Minas, geograficamente posicionado no interior do “triângulo” formado por três das mais importantes aglomerações urbanas brasileiras, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, historicamente desenvolve relações significativas com os espaços de seu entorno, seja no campo econômico ou sociocultural. Este trabalho tem como objetivo demonstrar como se estrutura a rede urbana da Macrorregião de Planejamento do Sul de Minas, o papel das cidades médias neste contexto espacial, e as características demográficas e econômicas regionais; para isto foram utilizados materiais cartográficos, indicadores demográficos e econômicos, e trabalhos de campo nas principais cidades do Sul de Minas.

**Palavras-chave:** Rede urbana; cidades médias; economia regional.

#### ABSTRACT

In recent decades, the average Brazilian cities have shown significant demographic growth and production diversification, which favors the most important of them in urban networks in which they operate, and the resulting bias on the places of their hinterlands. However, it is essential to take into account that every municipality is inserted on different networks, whether economic, cultural and socio-spatial, and thus the cities interact with other national and global urban centers with different intensities and purposes. In this context, the Sul de Minas, geographically positioned within the "triangle" formed by three of the most important Brazilian urban agglomerations, Sao Paulo, Rio de Janeiro and Belo Horizonte, historically developed significant relationships with the spaces of your surroundings, whether in the field economic or socio-cultural. This work aims to demonstrate how to structure the macro-region of the urban network of Sul de Minas, the role of medium-sized cities in this spatial context, and demographic and regional economic characteristics; for this were used cartographic materials, demographic and economic indicators, and field work by the main cities in the region.

**Keywords:** Urban Network; Medium-sized cities; regional economy.

## 1. Introdução

A posição geográfica do Sul de Minas colaborou para que, no decorrer dos últimos séculos, a região participasse com considerável importância no abastecimento, em especial por meio dos produtos agropecuários e mais recentemente de artigos manufaturados, do amplo mercado consumidor que foi se consolidando em seu entorno. Assim, a própria implantação da rede ferroviária regional se deu almejando a integração entre as áreas produtoras do Sul de Minas com os mercados de São Paulo e do Rio de Janeiro, e não a interligação entre suas principais cidades, o que desfavoreceu a maior coesão entre os centros urbanos regionais, e mesmo a consolidação de uma “cidade primaz” (SAES *et al.*, 2012).

No estado de Minas Gerais, Juiz de Fora na Zona da Mata, Montes Claros no Norte, e Teófilo Otoni no Vale do Mucuri, são consideradas como as “cidades primazes” em seus contextos regionais (AMORIM FILHO *et al.*, 2007; IBGE: REGIC - Região de Influência das Cidades, 2007). Por sua vez, no Sul de Minas, autores como Bernardes (1963), Azevedo (1971) e Amorim Filho *et al.* (1982 e 2007) elucidaram o fato da região possuir uma rede urbana descentralizada, onde a função de polarização é partilhada entre cidades médias, como Poços de Caldas, Varginha, Pouso Alegre, Passos, Lavras, Itajubá e Alfenas. Esta condição se estruturou, em especial a partir do início do século XX, e fez com que estas mencionadas cidades apresentassem relativa paridade em seus contingentes demográficos, e polarizassem áreas do Sul de Minas, e, com distintas intensidades, fossem também polarizadas pelas metrópoles de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

O objetivo do presente artigo é demonstrar como se estrutura a rede urbana da Macrorregião de Planejamento do Sul de Minas, o papel das cidades médias neste contexto espacial, e as características demográficas e econômicas regionais. A pesquisa denominada “Regiões de Influência das Cidades” (IBGE, 2007), constitui o parâmetro para estabelecer as áreas de influências dos principais centros urbanos na rede urbana regional, e também para demonstrar a espacialização dos municípios em posições intermediárias na hierarquia das cidades sulmineiras. De acordo com Egler *et al.* (2011), dentre os referenciais para a análise da estrutura urbana brasileira, o estudo “Regiões de Influência das Cidades” é o único que tem o município como referência metodológica e analítica e, devido a isso, é o que melhor permite analisar a posição e a hierarquia dos centros urbanos em um dado recorte espacial, a exemplo do Sul de Minas.

Na primeira parte do presente artigo são apresentadas diferenciações entre as cidades de porte médio e as cidades médias, e como estas situações estão atreladas as posições destes centros urbanos em uma determinada rede. Na sequência, tendo como referencial as classificações das “Regiões de Influência das Cidades”, dos anos de 1966, 1978, 1993 e 2007, são elucidadas as posições das cidades médias sulmineiras na rede urbana regional e as áreas polarizadas por estes centros. Após expor estas mudanças históricas na rede urbana do Sul de Minas, as condições demográficas e econômicas são apresentadas, sendo evidenciadas as importâncias das cidades médias para as práticas produtivas e socioculturais regionais.

Os municípios mais populosos e de maior centralidade na rede urbana regional, vêm tendo nítida expansão em suas bases produtivas, o que é evidenciada pela crescente produção industrial, a diversificação dos serviços e dos estabelecimentos comerciais, além do acréscimo nos rendimentos de seus moradores. Isso faz com que ocorram novas dinâmicas socioespaciais, sendo exemplos o surgimento e a consolidação de novas centralidades, em especial os subcentros terciários e os *shopping centers*. Todavia, é fundamental que estas mudanças sejam acompanhadas de medidas de planejamento e gestão do espaço urbano e regional, do contrário poderão resultar em impactos negativos aos moradores e ao ambiente.

## 2. As cidades de porte médio, as cidades médias e seus papéis nas redes urbanas

É propagada na mídia, e mesmo em estudos acadêmicos, a qualidade de vida dos moradores das cidades médias se comparada a das metrópoles, e isso se deve a fatores como o menor índice de violência, a melhor fluidez do trânsito, o custo de vida mais baixo, e a existência de “áreas verdes” e

menos poluição. Em contrapartida, para os moradores de áreas rurais e pequenos centros urbanos dos arredores, a cidade média é vista como local com possibilidade de empregos, boa infraestrutura, acesso a informações e recursos educacionais, fatores estes que podem favorecer a ascensão material e intelectual dos seus moradores (AMORIM FILHO & SERRA, 2001). Portanto, mesmo sendo subjetivos os limites demográficos e conceituais, no imaginário tanto dos moradores das regiões metropolitanas quanto dos espaços rurais, em parte, as cidades médias seriam aquelas “nem tão pequenas, a ponto de limitar as possibilidades de crescimento econômico e intelectual de seus habitantes, e nem tão grandes, a ponto de onerar e até pôr em risco a vida da maioria de seus moradores” (AMORIM FILHO & SERRA, 2001, p. 1).

Esta posição de intermediária, em uma dada rede urbana, contribuiu para que as cidades médias fossem associadas como campos de possibilidades por políticas de planejamento urbano e regional, como é o caso da *aménagement du territoire*, na França dos anos 50 do século XX. Este grupo de cidades era considerado promissor para a desconcentração econômica e demográfica do país, em um período que já se presenciava a perda da qualidade de vida na aglomeração urbana de Paris. No Brasil, na década de 70, as cidades médias passaram a ser vistas como locais que poderiam absorver investimentos econômicos, e por consequência receber afluições migratórias que se deslocariam para as regiões metropolitanas. E isto ganhou maior relevância com o “Projeto Especial Cidades de Porte Médio”, desenvolvido a partir de 1977 pelo Ministério do Interior, que teve como princípio o fortalecimento da infraestrutura de cidades e aglomerados urbanos com potencialidades para contribuir com o desenvolvimento nacional (AMORIM FILHO & SERRA, 2001; BESSA, 2005; CORRÊA, 2007; CONTE, 2013).

Ao contrário dos espaços metropolitanos, estipulados pela presença de conurbações, contingentes populacionais mínimos, e mesmo pelas delimitações dos órgãos governamentais, como as regiões metropolitanas no caso brasileiro, as definições referentes às cidades médias exibem consideráveis diversidades, de acordo com os objetivos e os interesses dos pesquisadores, e pelas diferenças de desenvolvimento entre as regiões de um país, as condições socioeconômicas dos centros urbanos e as relações externas com as redes que se inserem (AMORIM FILHO & SERRA, 2001). Inclusive para as políticas públicas as definições são bem “elásticas”, como serve de exemplo o “Projeto Especial Cidades de Porte Médio”, que dentre os 140 centros urbanos elencados, havia cidades com menos de 50 mil moradores, e que representavam aproximadamente a metade do contingente demográfico municipal, até outras com população em torno de 600 mil habitantes, e com urbanização superior a 90% (CONTE, 2013).

O tamanho das “cidades médias” pode variar de acordo com cada país, e mesmo em suas regiões. Isto ilustra o fato que, por critérios eminentemente populacionais, é possível estipular somente as “cidades de porte médio”, pois, no contexto das cidades médias, as suas funções de intermediação dentro de uma rede urbana e a sua posição geográfica são tão ou até mais importantes que seus tamanhos populacionais (AMORIM FILHO & RIGOTTI, 2002). Em termos globais, os contingentes populacionais são consideravelmente distintos, como por exemplo: a Organização das Nações Unidas (ONU) considera como cidades médias aquelas que possuem entre 100 mil e três milhões de habitantes, o VII Congresso Ibero Americano de Urbanismo considerou médias todas as cidades com 20 a 500 mil moradores, enquanto a Comissão Europeia define como sendo cidades médias aquelas que possuem entre 100 e 250 mil habitantes. (CONTE, 2013).

As escalas também devem ser levadas em conta para a definição das cidades médias, de acordo com cada realidade estadual, regional e nacional, e isto se deve ao fato que um centro urbano com 600 mil habitantes pode ser considerado uma “cidade média” na rede urbana nacional, e constituir uma “macrocefalia urbana” em sua realidade estadual, como Corrêa (2007) elucidou com a situação de Aracaju no Brasil e em Sergipe. Além disso, o contingente populacional permite que se estipule a condição de uma “cidade média” de acordo com cada período histórico, pois um centro urbano com 100 mil moradores constituía uma situação no Brasil de 1940 e outra completamente distinta na realidade de 2000, fazendo com que a cidade “média” possa vir a ser um estágio transitório (CORRÊA, 2007).

No Brasil, estes centros urbanos, ao mesmo tempo em que se caracterizam por possuírem certas similaridades populacionais, apresentam consideráveis diferenças devido às suas condições locais e político-administrativas, como ocorrem com as cidades de “porte médio” pertencentes às regiões metropolitanas, e as cidades médias “não metropolitanas”. Estes espaços urbanos se distinguem pelos contextos geográficos, socioeconômicos, culturais e ambientais que estão inseridos (ANDRADE & SERRA, 1999; AMORIM FILHO & RIGOTTI, 2002).

Nas cidades “de porte médio”, que fazem parte de uma conurbação composta por vários municípios, e em que há uma importante participação do núcleo metropolitano nas relações socioeconômicas e culturais, as suas dinâmicas socioespaciais sofrem enormes influências de fatores exógenos ao território municipal, e que fazem com que haja relevante diversidade de funções das cidades periféricas, sejam elas produtivas ou de moradia, assumindo neste caso o papel de “cidade dormitório”, situação esta favorecida pela migração pendular intrametropolitana (HOGAN, 1990; MATOS, 2005; OJIMA *et al*, 2010; ZANDONADI, 2011). Assim, os processos de crescimento populacional, de valorização mercantil dos seus espaços, e de alocação das atividades produtivas, são resultados dos agentes sociais que atuam em escala metropolitana, que, por sua vez, estão atrelados aos interesses econômicos, políticos e socioculturais que partilham deste território, na maior parte das vezes a partir do núcleo central da metrópole.

Por sua vez, as cidades médias “não metropolitanas”, apesar de também receberem influências exógenas nas dinâmicas socioespaciais de ocupação dos espaços urbanos, estes processos ocorrem de formas e intensidades distintas se comparadas às cidades de “porte médio”. Os interesses econômicos, influenciados pelos meios de transportes e redes de comunicações, atuam com fluidez nos mais diversos territórios, se manifestando na apropriação do espaço intraurbano das cidades médias e das metrópoles, mas, porém, as funções residenciais, e mesmo a maior parte das comerciais e de prestação de serviços nas cidades médias “não metropolitanas” são resultantes de ações eminentemente locais e regionais. Portanto, na rede urbana brasileira estas referidas localidades, em diversos casos, funcionam como intermediárias entre os centros metropolitanos de influência global e/ou nacional, e as localidades de sua hinterlândia, onde as cidades médias “não metropolitanas” exercem consideráveis influências econômicas e socioculturais em âmbito regional (SOARES, 1999; SPOSITO, 2008). Desta forma,

As classificações baseadas meramente em limites demográficos não são suficientes, necessitando de um cruzamento com dados de outra natureza, cobrindo, por exemplo, aspectos como posição regional e na rede urbana, estrutura econômica, relações funcionais externas, alcance da influência polarizadora, características socioeconômicas e demográficas da área de influência e, até, organização e dinâmicas morfológicas internas das cidades. (AMORIM FILHO & RIGOTTI, 2002, p. 20-21).

Nogueira & Garcia (2007) salientam que muito mais importante que a “faixa de população” é o papel de autonomia de uma “cidade média”, o que é restrito nas cidades de porte médio pertencentes às regiões metropolitanas, em especial porque as dinâmicas populacionais e socioespaciais são diretamente vinculadas ao próprio centro principal. São exemplos desta situação, Santa Luzia e Ibirité na região metropolitana de Belo Horizonte, Hortolândia na R.M. de Campinas, e Poá, Franco da Rocha e Taboão da Serra na R.M. de São Paulo. E, devido a estas condições, estes municípios podem ser considerados como de “porte médio”, mas não como “cidades médias”.

A emergência das cidades médias coincidiu com o avanço nos sistemas de transportes e de comunicações, que permitiu um novo posicionamento em relação às redes urbanas regional, estadual, nacional, e em certos casos até internacional, por meio da estruturação de novas interações espaciais e na consolidação das já existentes. É válido ressaltar, também, que as relações de proximidades foram ampliadas, com as cidades menores e com os espaços rurais circunvizinhos, “resultando em uma vida de relações que define a existência de um espaço de contiguidade territorial, cuja configuração é a própria área de influência ou hinterlândia dessa cidade” (BESSA, 2005, p.275).

A posição de intermediária contribui para que uma cidade média possua relações em duas escalas: a horizontalizada, a partir da estruturação de uma área espacialmente contínua; e a verticalizada, sobre

múltiplas redes que desempenham funções com cidades hierarquicamente superiores e também com centros urbanos de mesma importância. Neste caso, ao mesmo tempo em que uma cidade média apresenta vínculos efetivos com os principais centros econômicos e políticos de uma determinada rede, ela se apresenta como um espaço atrativo para o deslocamento de moradores de sua região de influência, por motivações diversas, como as práticas laborais, socioculturais, educacionais e de consumo.

- Interações constantes e duradouras tanto com seu espaço regional, quanto com aglomerações urbanas de hierarquia superior;
- Tamanhos demográficos e funcionais suficientes para que possam oferecer um leque bastante largo de bens e serviços ao espaço microrregional a elas ligado;
- Capacidade de receber e fixar os migrantes de cidades menores ou da zona rural, através do oferecimento de oportunidades de trabalho, funcionando, assim, como pontos de interrupção do movimento migratório na direção das grandes cidades, já saturadas;
- Condições necessárias ao estabelecimento de relações de dinamização com o espaço rural microrregional que as envolve;
- Diferenciação do espaço intraurbano, com um centro funcional já bem individualizado e uma periferia dinâmica, evoluindo segundo um modelo bem parecido com o das grandes cidades, isto é, através da multiplicação de novos núcleos habitacionais periféricos;
- Aparecimento, embora evidentemente em menor escala, de certos problemas semelhantes aos das grandes cidades, como, por exemplo, a pobreza das populações de certos setores urbanos.

As definições do autor explicitam o papel de uma cidade média em uma rede urbana, em que suas funções intermediárias são evidenciadas pela atratividade que exerce sobre os moradores de pequenas localidades e espaços rurais das circunvizinhanças, que nela encontram infraestruturas comerciais e de serviços não disponíveis em seus locais de origem, mas, também, pelas inter-relações que desenvolvem com as cidades em posição hierárquica superior, onde são realizadas as atividades de gestão do território, sejam elas públicas ou privadas. A atração de moradores da região, que para a cidade média afluem para obter serviços como ensino superior, tratamentos médicos de maior complexidade, ou mercadorias diversas, contribui para a dinamização da economia local, e que, por sua vez, acaba colaborando para que as cidades médias recebam novos investimentos, realizados por empreendedores locais, mas também de outras regiões e mesmo países.

O desenvolvimento econômico nessas cidades médias é também visível em decorrência da concentração e diversificação das atividades comerciais e de serviços, ambas aliadas à ampliação do mercado consumidor local e regional, o que inclui a instalação das modernas formas de consumo, como hipermercados e *shopping center*, assim como as infraestruturas vinculadas à educação, saúde, cultura, lazer e outros. Tais fatos sugerem a ampliação da centralidade das cidades médias e o alargamento de suas áreas de influências, já que, se anteriormente os seus moradores e os das circunvizinhanças tinham de se deslocar para as metrópoles para obter serviços e produtos, passaram a encontrar tais oportunidades nas proximidades, nas próprias cidades médias (BESSA, 2005).

### **3. O Sul de Minas nos estudos das “Regiões de Influência das Cidades”.**

A posição geográfica, os sistemas de transportes, e as características naturais e socioculturais do Sul de Minas, são fatores que colaboram para importantes mudanças na rede urbana no decorrer dos últimos séculos. Entretanto, é de se levar em conta, também, as dinâmicas socioeconômicas que coexistiram em regiões do entorno.

No período anterior ao final do século XIX, as áreas a leste do Sul de Minas eram as que apresentavam maior desenvolvimento econômico e as cidades e espaços rurais mais densamente povoados, tendo como destaque Campanha da Princesa (RODARTE, 1999). Neste contexto histórico, povoações como Baependi, Andrelândia, dentre outras do leste da região do Sul de Minas, estavam no trajeto entre o Rio de Janeiro, a capital do Brasil, e a região mineradora do centro de Minas Gerais, e com isso se constituíram como entrepostos comerciais e importantes produtoras de gêneros alimentícios.

Com as mudanças econômicas e socioculturais que coexistiram a partir do último quarto do século XIX, houve expressiva alteração na rede urbana do Sudeste brasileiro, o que resultou em

influências sobre o Sul de Minas, colaborando para que os setores situados ao centro e ao oeste da região passassem progressivamente a apresentar maior dinamismo. Foram nestas áreas que a produção de café ocorreu com maior intensidade, e isto motivou a diversificação econômica e a atração de significativos contingentes de migrantes provenientes de outras regiões do país, e do exterior. Posteriormente, com a industrialização e a expansão dos sistemas rodoviários, as cidades de Poços de Caldas, Pouso Alegre, Varginha, Passos, Lavras, Itajubá e Alfenas se consolidaram como os centros urbanos de maior centralidade na rede urbana regional (AMORIM FILHO *et al*, 1982 e 2007).

Na **figura 1**, que constitui um recorte espacial das “Regiões de Influência das Cidades” (IBGE), nos anos de 1966, 1978, 1993 e 2007, é possível verificar algumas características importantes da rede urbana regional, dentre elas as relevantes influências das três principais metrópoles do Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte) e, em menor escala, de outros importantes centros urbanos, como Campinas, Juiz de Fora, Ribeirão Preto, São José dos Campos e Volta Redonda, sobre as cidades sulmineiras, que variaram quanto a intensidade e as áreas de influência no decorrer do período retratado. Além disso, neste mesmo recorte temporal e espacial ocorreram consideráveis mudanças nas posições hierárquicas das cidades médias do Sul de Minas, que são consequências das transformações econômicas e demográficas regionais e nacionais.

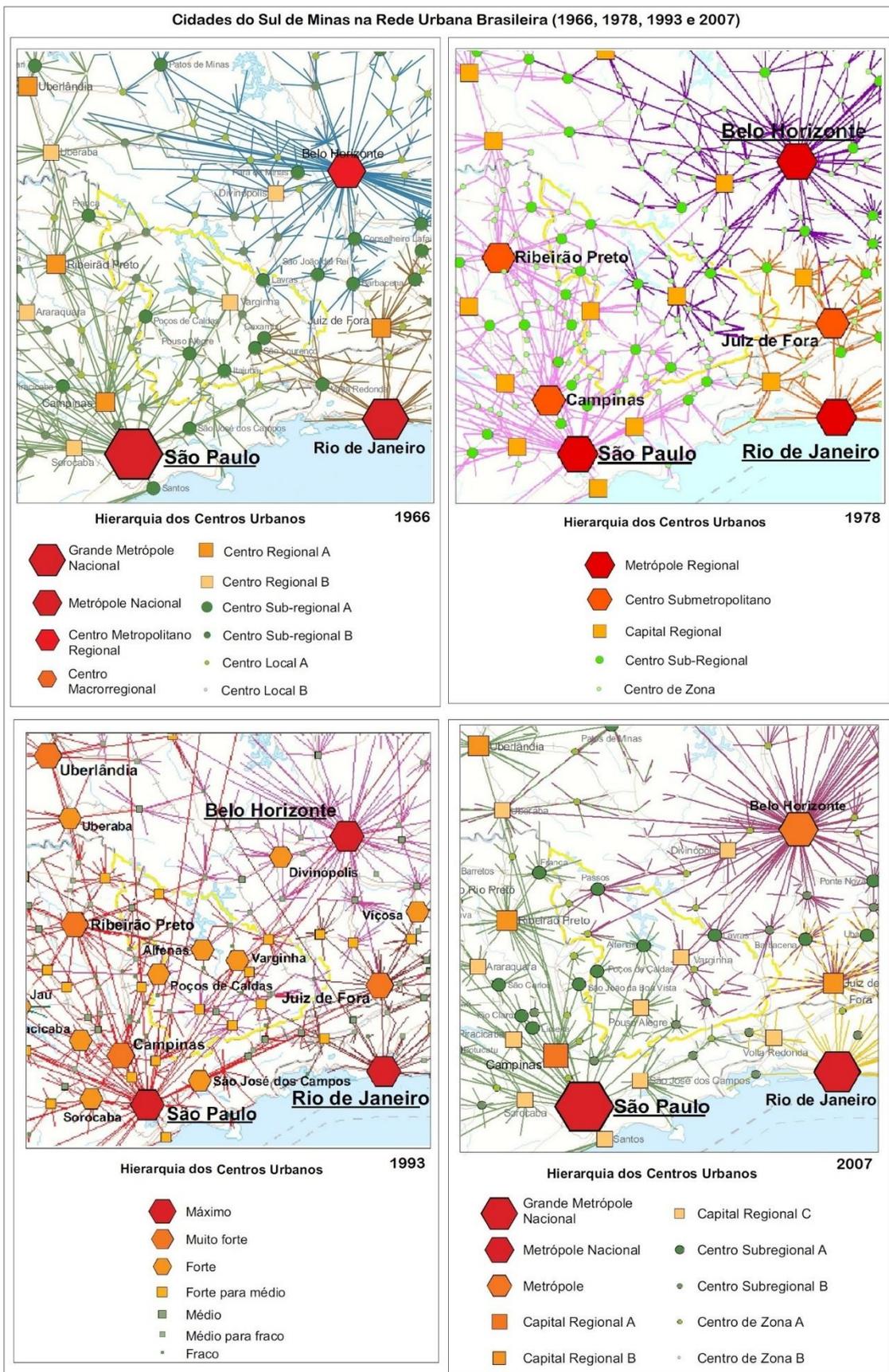


Figura 1: As cidades sulmineiras na rede urbana nacional. Fonte: IBGE (REGIC, 2007), adaptado.

Tendo como parâmetro os mapas da **figura 1**, algumas características da rede urbana do Sudeste brasileiro, e que incidem diretamente sobre o Sul de Minas, merecem ser destacadas:

Em 1966, no primeiro estudo das “Regiões de Influência das Cidades” (REGIC), o Rio de Janeiro apresentava importante polarização sobre considerável parcela do leste de Minas Gerais, o que inclui cidades como Juiz de Fora, Muriaé, Governador Valadares, e, no contexto sulmineiro, as estâncias hidrominerais de São Lourenço e Caxambu. São Paulo exercia influência primaz em todo o centro e o oeste do Sul de Minas, o que englobava as cidades de Itajubá, Varginha, Pouso Alegre, Passos, Alfenas e Poços de Caldas. Por sua vez, a influência de Belo Horizonte era mais relevante apenas em Lavras e nas pequenas cidades do entorno, sendo o Sul de Minas polarizado majoritariamente por São Paulo e Rio de Janeiro, o que constituía uma herança histórica dos sistemas econômicos e de transportes de até então, já que, menos de uma década antes desta classificação, a ligação entre as cidades sulmineiras e a capital estadual ainda não contava com a rodovia Fernão Dias e outras estradas.

Nas classificações seguintes (1978, 1993 e 2007), Belo Horizonte expandiu sua área de influência sobre o Sul de Minas, em especial nas cidades de Varginha, Passos, São Lourenço e nas localidades vizinhas, enquanto a polarização do Rio de Janeiro se reduziu em ampla parcela do território mineiro, e por consequência do Sul de Minas. A polarização de São Paulo continua predominante nas cidades de Poços de Caldas, Pouso Alegre e Itajubá, além das cidades menores do entorno destas.

No decorrer das quatro classificações, Varginha permaneceu como a cidade com maior posição hierárquica na rede urbana do Sul de Minas. Poços de Caldas alcançou a mesma posição em 1978 e 1993, Alfenas em 1993, e Pouso Alegre na classificação de 2007. Lavras apresentou certa regularidade, no segundo nível no conjunto da região, enquanto São Lourenço, Itajubá, e principalmente Caxambu, que estavam nesta mesma posição hierárquica em 1966, perderam influências na rede urbana regional, ao contrário de Passos e Alfenas, que estavam no terceiro nível na primeira classificação e aumentaram suas centralidades.

É importante mencionar, entretanto, que, mesmo se mantendo na maior posição hierárquica no Sul de Minas em todas as classificações, Varginha não conseguiu impor sua centralidade em toda a região, como pode ser verificado na **figura 2**, que mostra as regiões de influência das cidades sulmineiras no ano de 2007. Esta referida cidade apresenta considerável importância nos setores de comunicações e de administração pública, no primeiro caso por ser a sede de retransmissoras da Rede Globo e do SBT, e no segundo, de órgãos como a Receita Federal e o Porto Seco do Sul de Minas. Ainda assim, a concorrência com outras cidades médias da região, e mesmo com centros urbanos do entorno, faz com que a influência de Varginha seja limitada a estes referidos setores nas áreas mais ao sul e ao oeste do Sul de Minas, como nas regiões de influência de Passos, Poços de Caldas, Pouso Alegre e Itajubá.

Em maior posição na hierarquia regional atual, Pouso Alegre e Varginha estão localizadas em uma posição geográfica mais central no Sul de Minas, e exercem influência em outras cidades com expressiva importância na rede urbana regional, como ocorrem com Pouso Alegre em relação à Itajubá, e com Varginha quanto a Lavras e Alfenas; além disso, estas capitais regionais possuem, em suas regiões de influência, um maior número de centros intermediários, o que contribui para o maior dinamismo destes sistemas de cidades (tabela 1). Por sua vez, Poços de Caldas e Passos, assim como as cidades de suas hinterlândias, historicamente sofrem significativas influências de centros urbanos externos ao Sul de Minas, como Campinas e Ribeirão Preto respectivamente (IBGE: REGIC - Região de Influências das Cidades, 2007).

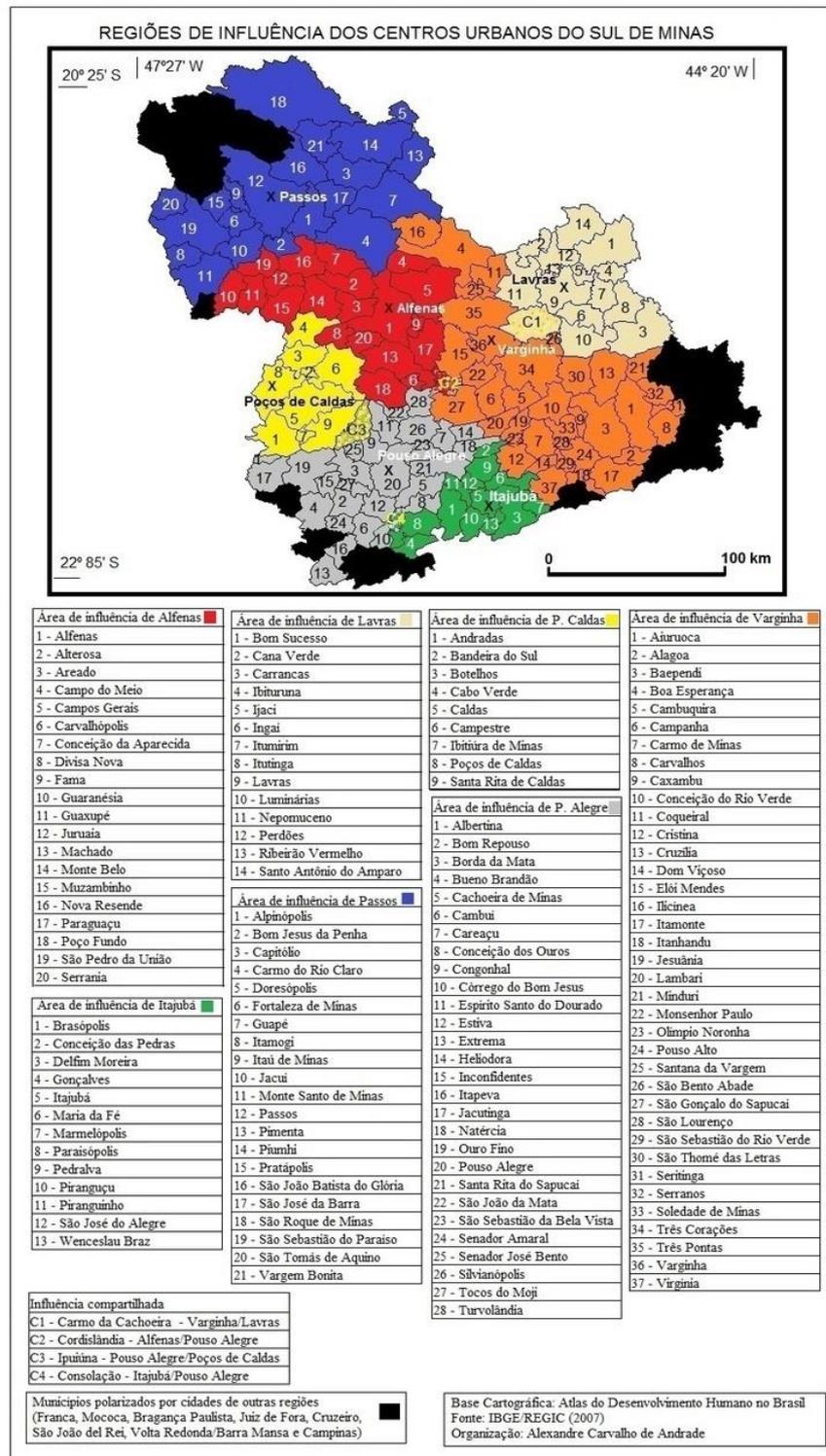


Figura 2: Municípios pertencentes às regiões de influência das cidades do Sul de Minas. Fonte: IBGE (REGIC, 2007).

Existe considerável diversidade nas regiões de influência das cidades do Sul de Minas, e que reflete as condições geográficas, históricas, demográficas, econômicas e locais dos municípios. Assim, enquanto Varginha polariza uma área composta por 37 municípios, e Pouso Alegre 28, Poços de Caldas, mesmo sendo mais populosa e também apresentando um significativo dinamismo econômico, tem influência direta em apenas 8. Localizada na divisa com o estado de São Paulo, Poços de Caldas sofre a concorrência de cidades paulistas, como Campinas e São João da Boa Vista, o que reduz a sua centralidade a uma posição secundária quanto à influência sobre as cidades vizinhas pertencentes a este estado; por outro lado, a expressiva distância de Pouso Alegre e Varginha com os

limites estaduais, permite que estas polarizem um espaço de maior extensão, e com maior número de municípios.

#### 4. Aspectos econômicos e demográficos regionais

Na **tabela 1** são elucidadas algumas características econômicas, populacionais e da distribuição das cidades pela rede urbana regional, que serão complementadas pelas **figuras 3 e 4**.

**Tabela 1** – Aspectos econômicos e demográficos das regiões de influência das cidades sulmineiras

REGIC	População (% urbana)	PIB (milhões de reais)	PIB per capita (R\$)	Outros municípios com significativa polaridade na rede urbana regional
Alfenas	378.728 (77,8%)	5.844,2	15.431	Guaxupé (centro de zona A) Machado (centro de zona B)
Itajubá	189.789 (73,6%)	2.617,4	13.790	Paraisópolis (centro de zona B)
Lavras	224.635 (87,0%)	3.105,5	13.824	
Passos	374.227 (85,2%)	6.417,3	17.148	S. Sebastião do Paraíso (centro de zona A) Piumhi (centro de zona B)
Poços de Caldas	280.035 (83,8%)	5.301,0	18.930	Andradas (centro de zona B)
Pouso Alegre	446.803 (78,1%)	8.796,8	19.688	Extrema (centro de zona B) Cambuí (centro de zona B) Jacutinga (centro de zona B) Ouro Fino (centro de zona B)
Varginha	659.489 (84,3%)	11.069,0	16.784	São Lourenço (centro subregional B) Caxambu (centro de zona A) Três Corações (centro de zona A) Baependi (centro de zona B) Boa Esperança (centro de zona B) Cruzília (centro de zona B) Itamonte (centro de zona B) Lambari (centro de zona B) Três Pontas (centro de zona B)

Fonte: IBGE, Regic (2007), Censo Demográfico (2010).

A região de influência de Varginha é a que apresenta maior população e produto interno bruto, e isto se reflete na existência de uma rede urbana mais densa, e com cidades que apresentam relativa centralidade em suas circunvizinhanças. Na sequência aparece a região polarizada por Pouso Alegre, onde estão alguns dos municípios sulmineiros com maior ritmo de crescimento populacional e econômico no decorrer das últimas décadas, tais como Extrema, Jacutinga e Santa Rita do Sapucaí (ANDRADE, 2014). Por outro lado, a região de influência de Itajubá é a de menor população, produção econômica e a menos urbanizada, além de possuir o menor PIB per capita; em situação um tanto parecida se encontra a região de influência de Lavras, onde não há cidades em posições intermediárias na rede. Mas, é importante salientar que, compostas por distintos municípios, há certas diversidades internas quanto aos contingentes populacionais, e que são evidenciadas na **figura 3**.

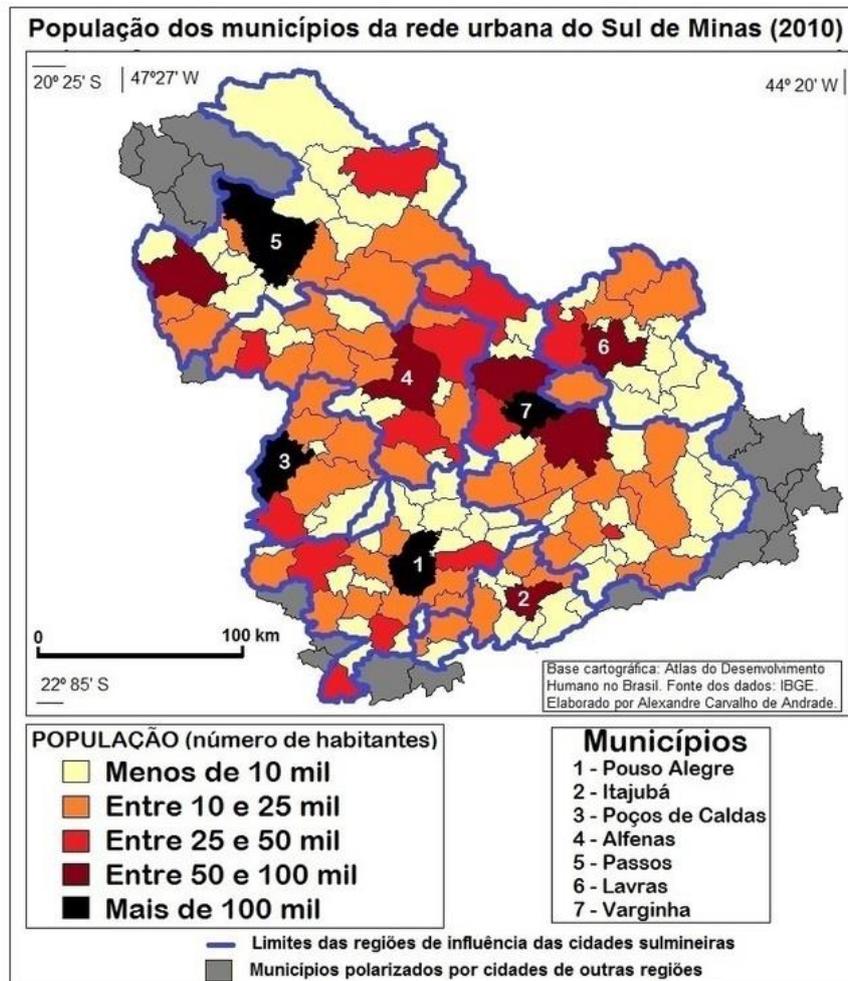


Figura 3: População dos municípios da rede urbana do Sul de Minas (2010). Fonte: IBGE (Censo Demográfico, 2010).

Roberto Lobato Corrêa (1999) relatou que algumas regiões brasileiras apresentam uma elevada densidade de pequenos centros urbanos, dentre elas o Sul de Minas. E a **figura 3** evidencia esta característica, pois as cidades com menos de 10 mil habitantes, além de numerosas, se espalham por todos os setores da região, e com maior presença nas regiões de influência de Itajubá, Passos e Lavras, mas também ao norte do território polarizado por Pouso Alegre, e no sudeste da região de influência de Varginha.

Há significativa heterogeneidade entre as cidades pequenas na rede urbana do Sul de Minas, a exemplos das sedes de municípios localizados em espaços marcados por condições naturais que apresentam certas restrições às práticas econômicas mais produtivas do setor primário, e com extensas áreas voltadas a conservação ambiental, casos de Aiuruoca, Alagoa e Bocaina de Minas; as que apresentam considerável parcela da população envolvida em atividades do setor primário com certo

dinamismo, principalmente na cafeicultura e na produção de morango, como Campo do Meio e Senador Amaral, respectivamente; e as cidades que, devido a pequena proximidade com centros urbanos mais desenvolvidos, são importantes fornecedoras de mão de obra, por meio de moradores que realizam deslocamento pendular diário, como servem de exemplos Piranguinho, Wenceslau Braz e São José do Alegre com relação à Itajubá (ANDRADE, 2014).

Na rede urbana do Sul de Minas também se fazem presentes as cidades em situações intermediárias quanto à população, produção econômica e posição na hierarquia urbana. Com contingentes demográficos que são inferiores a 50 mil habitantes, este grupo de cidades também possui considerável heterogeneidade, coexistindo centros urbanos com importante função industrial, como Extrema, Santa Rita do Sapucaí, Jacutinga e Paraisópolis, centros turísticos, a exemplo de São Lourenço, Caxambu e Lambari, e localidades situadas em espaços onde predominam a agropecuária comercial, especialmente de café, como Guaxupé, Machado e Boa Esperança.

Em situação intermediária na rede urbana regional, e refletindo seu contingente populacional e a produção econômica, estas cidades exercem considerável influência sobre os espaços urbanos e rurais circunvizinhos, provendo-os de produtos e serviços especializados não encontrados em seu local de moradia, constituindo, assim, centros urbanos com certa centralidade. Esta situação inclusive foi evidenciada na classificação do IBGE das “Regiões Imediatas de Articulação Urbana”, de 2013, em que cidades como Guaxupé, São Lourenço e São Sebastião do Paraíso, dentre outras, assumem papéis relevantes de polarização sobre municípios próximos.

No conjunto das cidades mais populosas do Sul de Minas, quatro possuem mais de 100 mil habitantes, Poços de Caldas, Pouso Alegre, Varginha e Passos, e são consideradas por Amorim Filho, Rigotti & Campos (2007) como “cidades médias de nível superior”. Mas, como além de certo contingente populacional, os critérios econômicos, locais e das infraestruturas também são fundamentais para a definição das cidades médias, outros centros sulmineiros são considerados nesta condição, como Itajubá, Lavras e Alfenas (EGLER, 2001; NOGUEIRA & GARCIA, 2007).

Como ocorre em outras regiões brasileiras, estas cidades médias apresentaram um significativo crescimento populacional nas últimas décadas, que foi superior ao conjunto da região do Sul de Minas. Pouso Alegre, por exemplo, está dentre as cidades médias do Sudeste brasileiro com maior crescimento médio da população no período entre 2000 e 2010 (MATOS, 2012). A atração de investimentos nos setores industriais, comerciais e de prestação de serviços, incentivou a afluência de expressivos contingentes de migrantes em direção às cidades médias do Sul de Minas, e também fomentou o aumento do deslocamento pendular proveniente dos municípios vizinhos, para práticas laborais, educacionais e socioculturais.

As principais cidades da região são referências em serviços de saúde, já que abrigam hospitais regionais, com diversas especialidades médicas, e em educação, pois possuem instituições federais de ensino e pesquisa (UNIFAL – Alfenas, Poços de Caldas e Varginha; UFLA – Lavras; UNIFEI – Itajubá; e IFSULDEMINAS – Pouso Alegre, Passos e Poços de Caldas). Também estão nestas cidades, os estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços mais especializados, e que atendem as demandas dos seus moradores e a dos residentes em espaços rurais e urbanos de sua área de influência.

Como consequência do contingente populacional e da maior diversificação e desenvolvimento econômico, Poços de Caldas, Varginha e Pouso Alegre são os municípios com maior produto interno bruto do Sul de Minas (**figura 4**).

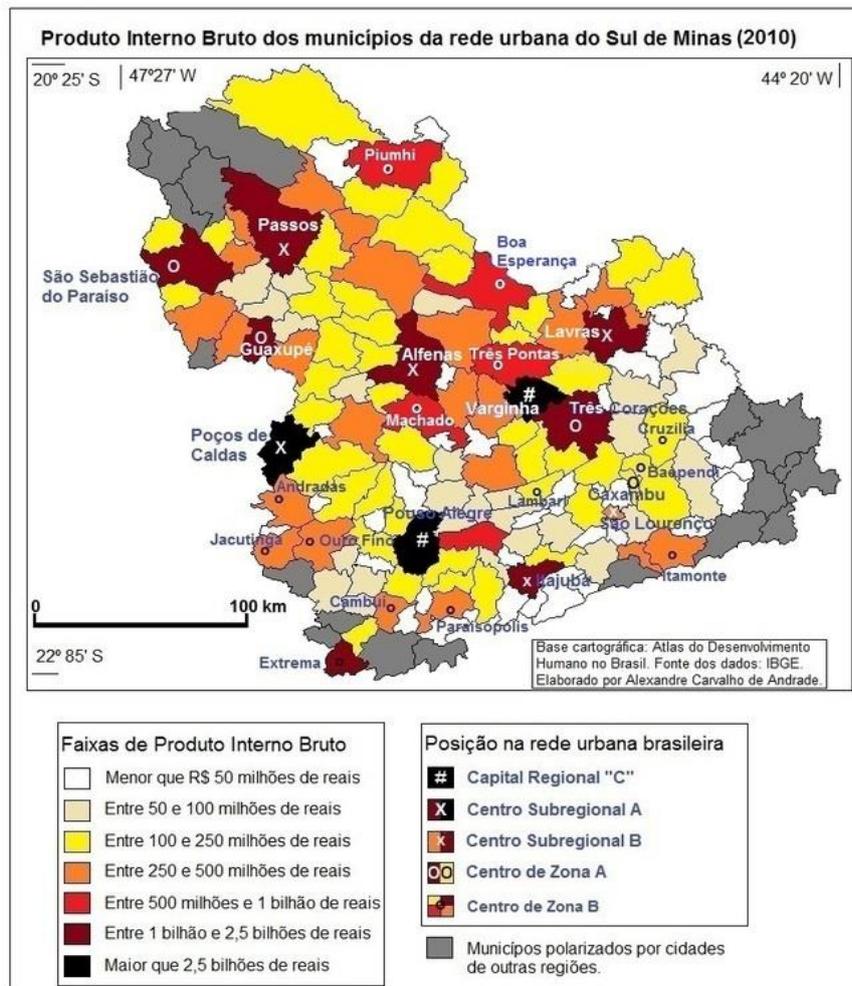


Figura 4: Principais cidades da rede urbana do Sul de Minas e o Produto Interno Bruto por municípios da região. Fonte: IBGE (Produto Interno Bruto dos Municípios Brasileiros, 2010).

Os municípios de Varginha, Poços de Caldas e Pouso Alegre são, respectivamente, os de maior produção econômica no Sul de Minas. Estes, juntamente com Itajubá, Três Corações e Extrema, são os que apresentam maior desenvolvimento e diversificação no setor industrial. Na agropecuária, Varginha e Alfenas são importantes produtores de café, e sediam serviços de estocagem, transportes, comercialização e assistência técnica, que atendem as suas áreas de influência; e as demais cidades médias possuem agroindústrias e mercados consumidores que absorvem as produções agropecuárias do entorno.

O Sul de Minas, após atravessar um período de saldo migratório negativo, com pessoas da região que emigravam para outras áreas, tendo destaque o estado de São Paulo, passou a ser, em especial a partir da década de 90, importante destino de afluências de migrantes, que, por sua vez, tem como origens principais o próprio estado de São Paulo, o Rio de Janeiro, os estados sulistas e nordestinos, e as demais regiões de Minas Gerais. É de se ressaltar, entretanto, que, como também ocorre no contexto nacional, as cidades médias sulmineiras foram as que mais se beneficiaram com o desenvolvimento econômico regional, e, assim, absorveram boa parte destas afluências migratórias, o que colabora para que apresentem um ritmo de crescimento populacional superior ao conjunto da região (MATOS, 1997; RIGOTTI & CAMPOS, 2009). Por outro lado, existem municípios, em especial os pouco populosos, em que há considerável evasão de moradores das áreas rurais, e como as suas áreas urbanas apresentam restritas possibilidades de retenção, se faz presente um quadro de estagnação ou mesmo de redução do contingente populacional destes locais (IBGE: Censos Demográficos, 1970, 1991 e 2010).

## 5. Considerações Finais

O Sul de Minas, no decorrer de sua história, sempre apresentou certa diversidade quanto às práticas econômicas, as influências de importantes centros urbanos do entorno, e por consequência, alguns setores da região se beneficiaram mais ou menos com estes processos, o que refletiu na própria centralidade das principais cidades sulmineiras.

Com a implantação e posterior duplicação da rodovia Fernão Dias, a desconcentração industrial e a infraestrutura existente nas cidades médias do Sul de Minas, existem perspectivas de significativas mudanças socioeconômicas. Tal como ocorre em outras regiões brasileiras, as cidades médias sulmineiras, em especial Poços de Caldas, Pouso Alegre e Varginha, apresentam maior crescimento populacional do que a média regional, o que reflete a maior atração de investimentos em atividades industriais, comerciais e de prestações de serviços que incidem em seus territórios.

Em decorrência do maior dinamismo econômico das cidades médias do Sul de Minas, e as melhorias nos sistemas de transportes, há uma intensificação das relações destas com suas hinterlândias, o que reflete na maior circulação de pessoas, produtos, serviços e capitais no interior da região, assim como no aumento das relações com os espaços extrarregionais. A inter-relação entre as cidades médias com os espaços rurais e urbanos de suas áreas de influência pode, inclusive, colaborar efetivamente para alterar suas dinâmicas econômicas e socioespaciais.

## Referências Bibliográficas

AMORIM FILHO, O.B.; BUENO, M.E.T. e ABREU, J.F.– **Cidades de porte médio e o programa de ações sócio-educativas-culturais para as populações carentes do meio urbano em Minas Gerais**. Boletim de Geografia Teórica. Rio Claro, 12 (23-24); 33-46, 1982.

AMORIM FILHO, O.; SERRA, R. V. **Evolução e perspectiva do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional**. In: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (org.). Cidades médias brasileiras. Rio de Janeiro: IPEA, 2001, p.1 – 34

AMORIM FILHO, O. B. ; RIGOTTI, J. R. Os limiars demográficos na caracterização das cidades médias. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2002. pp. 1-22.

AMORIM FILHO, O. B.; RIGOTTI, J. I. R.; CAMPOS, J. Os níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais. **Revista Ra'ega**, n.13, p. 7-18, 2007.

ANDRADE, A. C. **Pouso Alegre (MG): Expansão urbana e as dinâmicas socioespaciais em uma cidade média**. 2014. 299 f. Tese (Doutorado em Geografia). UNESP, Rio Claro.

ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. O recente desempenho das cidades médias no crescimento populacional urbano brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos da População**, v. 16 (1/2), p. 19-42, 1999.

AUGUSTO, H. A.; BRITO, F.; BARBIERI, A. Sul/Sudoeste mineiro na reversão da migração interestadual em Minas Gerais. **Redes**, v.14 n.3, p. 24-47, 2009.

AZEVEDO, A. **O Brasil e suas regiões**. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1971. 391 p.

BERNARDES, L. M. C. **Enciclopédia dos municípios brasileiros: Grande Região Leste – o planalto**. Rio de Janeiro: IBGE, 1963. 331 p.

BESSA, K. C. Reestruturação da rede urbana brasileira e cidades médias. **Caminhos de Geografia** 24 (16), p. 268-288, 2005.

CONTE, C. H. Cidades médias: discutindo o tema. **Sociedade e Território**, v. 25, n. 1, p. 45-61, 2013.

CORRÊA, R. L. Globalização e estruturação da rede urbana – uma nota sobre as pequenas cidades. **Território**, v. 4 n.6, p. 43-53, 1999.

CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Cidades médias: espaços de transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. pp. 23-33.

EGLER, C. A. G. **Subsídios à caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: configuração e dinâmica da rede urbana**. Petrópolis: IPEA/IBGE/UNICAMP, 2001. 90 p.

EGLER, C. A. G.; MENDES, C. C.; FURTADO, B. A.; PEREIRA, R. H. M. Bases conceituais da rede urbana brasileira: análise dos estudos de referência. In: PEREIRA, Rafael Henrique Moraes; FURTADO, Bernardo Alves. **Dinâmica urbano-regional. Rede urbana e suas interfaces**. Brasília: IPEA, 2011. pp. 25-46.

HOGAN, D. J. Quem Paga o Preço da Poluição? Análise de Residentes e Migrantes Pendulares em Cubatão. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA POPULAÇÃO, 7. **Anais...** Caxambu: ABEP, 1990. pp. 1-20.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Regiões de Influência das Cidades**. Rio de Janeiro, 2007. 201 p.

MATOS, R.E.S. Crescimento populacional e migração interna nos principais municípios de Minas Gerais. In: Encontro Nacional sobre Migração, 1, 1997, Curitiba. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 1997, pp. 329-348.

MATOS, R.E.S. Periferias de grandes cidades e movimentos populacionais. **Cadernos MetrÓpole**, v. 13, n.1, p. 71-105, 2005.

MATOS, R.E.S. Migração e urbanização no Brasil. **Geografias** v.8 n.1, p. 7-23, 2012.

NOGUEIRA, M.; GARCIA, R. A. A inserção das cidades médias na rede urbana brasileira. **Terra Plural**, v.1 n.2, p. 61-71, 2007.

OJIMA, R.; MARANDOLA JÚNIOR, E.; PEREIRA, R. H. M.; SILVA, R. B. O estigma de morar longe da cidade: repensando o consenso sobre as cidades-dormitório. **Cadernos MetrÓpole**, v. 12, p. 395-415, 2010.

OLIVEIRA JÚNIOR, G. A centralidade na problematização dos conteúdos da urbanização contemporânea nas cidades médias. **Geografia** (Londrina), v.19, n.2, p. 63-84, 2010.

RIGOTTI, J. I. R.; CAMPOS, J. M. Populacionais e as Cidades Médias de Minas Gerais. In: Encontro Nacional sobre Migrações, 6, 2009, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2009. pp. 1-27.

RODARTE, M. M. S. **O caso das minas que não se esgotaram: a pertinácia do antigo núcleo central minerador na expansão da malha urbana da Minas Gerais oitocentista**. Dissertação (Mestrado em Economia). UFMG, Belo Horizonte, 1999. 179 f.

SAES, A. M.; COSENTINO, D. V.; GAMBI, T. F. R. Sul de Minas em transição: opção por uma regionalização como ponto de partida. In: SAES, Alexandre Macchione; MARTINS, Marcos Lobato (orgs.). **Sul de Minas em transição: a formação do capitalismo na passagem para o século XX**. Bauru: Edusc, 2012. p. 13-36.

SOARES, B. R. Repensando as cidades médias brasileiras no contexto da globalização. **Formação**, v.1, n.6, p. 55-63, 1999.

SPOSITO, E. S. **Redes e cidades**. São Paulo: Edunesp, 2008. 159 p.

ZANDONADI, J. C. Cidades médias e cidades de porte-médio: um debate conceitual a partir da situação geográfica e das centralidades intraurbanas de Taboão da Serra (SP), São Carlos (SP) e Marília (SP). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 12. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2011. pp. 1-20.